

# O Duende Que Caiu da Lua



Rita Mira  
texto

Carla Nazareth  
ilustrações





# Despertar inesperado

Há pessoas que só acreditam no que veem. Eu era uma dessas pessoas, mas agora acredito que coisas pouco prováveis podem acontecer.

Com isto não falo em magia, embora também acredite que exista — senão como é que o professor Joaquim, de Educação Física, faz desaparecer uma moeda da sua mão e a retira do meu nariz?

Também não falo de monstros fantásticos que voam e que deitam fogo pela boca. Esses também já me apareceram em sonhos, e o Miguel — o meu melhor amigo — até já me disse que viu um monstro verdadeiro a sair pela chaminé da sua cozinha.

A verdade é que tenho de contar o que se passou para que todos acreditem, como eu acredito, nas coisas pouco prováveis de acontecer.

Tudo começou quando um barulho, vindo do lado de fora da janela do meu quarto, me acordou.

Ainda meio sonolento e a tentar abrir os olhos, que pareciam estar colados, sentei-me na cama. Era de noite, o quarto estava completamente em silêncio e às escuras e através da janela passavam pequenos feixes de luz que vinham dos candeeiros no exterior.

Nesse dia, lembro-me bem, vestia o pijama que a minha avó Isabel me tinha oferecido nos anos. Era de um azul muito escuro, cheio de planetas cintilantes e uns pequenos foguetões vermelhos e brancos. Era um dos meus preferidos, pois o meu maior desejo era ser astronauta quando crescesse. «Sempre que vestires este pijama sonharás com as estrelas, e um dia, acredito que as consigas alcançar.», disse a minha avó quando mo ofereceu.

Mas voltando ao barulho: levantei-me, e a tatear os móveis, tentando seguir o som, caminhei até à janela. Pus-me em bicos de pés e espreitei lá para fora.

O barulho que se ouvia era estranho: era como uma mistura de um soluço com um choro baixinho.

Quando consegui habituar o olhar à escuridão da noite, e apoiado no parapeito da janela, vi apenas um guizo pendurado na ponta de um chapéu muito bicudo, que balançava ao ritmo dos soluços.

Como não sou um rapaz medroso — na escola até dizem que sou bastante aventureiro e destemido — resolvi falar com quem ali estava.

— Olá! — disse com convicção.

O guizo começou a tocar cada vez mais, como se o chapéu se tivesse assustado e agora não parasse de tremer.

— Que susto! — disse a voz debaixo do chapéu. — Não estava à espera que aparecesse aqui alguém. A esta hora deviam estar todos a dormir, ainda é de noite. Acordei-te?

— Sim, na verdade acordaste. Estava a dormir, mas ouvi uns soluços e resolvi ver o que era. Já agora, eu sou o Tomás, e tu, como te chamas? — perguntei com uma curiosidade gigante, própria de quem está perante um ser diferente.

Num tom muito triste, a voz respondeu:

— Sou o Katan... Sou um duende, mas lá onde moro costumam chamar-me Desajeitado. Dizem que sou trapalhão...







*Duende... duende...*, pensei. *O que faz um duende sentado debaixo da minha janela?* Naquela altura, como podem imaginar, tudo poderia não ter passado de um sonho. Mas não foi.

O duende ergueu-se e consegui observar com bastante pormenor aquele ser. Passo a descrevê-lo:

- pequena criatura de ar muito simpático;
- chapéu bicudo com um guizo na ponta;
- guizos nas meias às riscas;
- calções vermelhos e camisola branca;
- um grande saco ao ombro, onde tinha guardada uma lanterna.

— Tens um ar engraçado, e com esses guizos não deves passar despercebido em lado nenhum — comentei.

O duende começou novamente a tremer, mas desta vez já não era de medo. O Sol ainda não nascera e, por isso, estavam escondidos os raios solares que tornam os nossos dias tão quentinhos.

— Brrr... Que frio! — murmurou o Katan, enquanto esfregava os braços com força.

— Queres entrar? Podemos sentar-nos na minha cama e contas-me porque é que estavas a chorar — convidei.

— Okidoki — respondeu o duende, ao ver que o meu quarto tinha um ar muito acolhedor e divertido.



O Tomás é um rapaz curioso, destemido e fascinado pelo espaço, cujo maior sonho é ser astronauta. Quando, certa noite, o duende Katan lhe entra pela janela do quarto, fica espantado com a sua história e decide de imediato ajudá-lo. Porém, cedo percebe que não é nada fácil levar o duende de volta a casa que fica... **na Lua!**

Será que o Tomás vai conseguir que o Katan regresse para junto da família?

A imaginação, a determinação e a amizade do Tomás serão postas à prova numa missão com um final pouco provável. Mas ele agora já sabe que as coisas improváveis podem acontecer.